

“Para os brancos, todo agrupamento de negro que passa de cinco pessoas é quilombo”

Josafá Mota, um dos fundadores do Movimento Negro Unificado



“A favela parece uma cidade africana com todas as tonalidades de negros”

Inaldete de Andrade, enfermeira negra

Negro nordestino conquista espaço do branco só na hora da autópsia

JOÃO BATISTA NATALI

Enviado especial a Recife

Uma entidade especializada em direitos humanos, o Centro de Cultura Luiz Freire, constatou que, das 1.378 pessoas assassinadas na Região Metropolitana de Recife no ano passado, só 173 eram brancas.

As demais foram autopsiadas pelos legistas como sendo negras, pardas ou morenas.

Isso mostra que os não-brancos são objeto de violência de forma desproporcional a seu peso demográfico, e que por trás desse fenômeno pode estar um indício de racismo.

Foi aliás no Nordeste que o Datafolha registrou a maior porcentagem de pessoas que admitem abertamente ter preconceito de cor (17%, contra 8% no Sudeste, índice menor).

O Nordeste é também a região em que o menor número de entrevistados brancos (8%, contra 15% entre os brancos do Sul e do Norte/Centro-Oeste) não manifestou qualquer racismo implícito.

Trata-se, no caso, de concordar ou não com determinadas afirmações de conteúdo discriminatório que o pesquisador submete ao entrevistado.

Mesmo assim, numa cidade como o Recife —com alta incidência de respostas racistas à pesquisa—, a impressão superficial é que subsiste uma ampla harmonia racial.

Não há atentados de “skinheads” contra os negros nem grupos de brancos organizados para manter, pela força, sua hegemonia econômica com raízes no período colonial.

Em termos estatísticos, no entanto, as sociedades branca e não-branca estão nitidamente dissociadas. A Comissão de Defesa da Cultura Afro-Brasileira, instalada na Câmara Municipal de Recife, descobriu que eram negras 86% das pessoas assassinadas entre janeiro e março de 1991.

Por sua vez, o IBGE (Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) indicava em 1990, no Nordeste, que os brancos adolescentes ou adultos sem instrução eram 27%, enquanto entre os negros essa cifra subia para 46%.

O sociólogo e escritor pernambucano Gilberto Freyre (1900-1987) acreditava que a distinção nítida das raças havia cedido lugar a um Brasil miscigenado.

Para as esquerdas, por sua vez, a distinção racial se equacionou de tal forma que o negro passou a ser visto como vítima da discriminação apenas por ser pobre.

A militância negra nordestina se contrapõe a esses dois discursos e diz representar a especificidade do brasileiro oprimido em razão da origem africana e da cor da pele. Mas ela perdeu o pouco do espaço que havia conquistado nos anos 80.

Nas relações do dia-a-dia, o racismo no Nordeste é eufêmico, diluído. Não gosta de assumir o próprio nome.

PRECONCEITO MANIFESTO SEGUNDO AS REGIÕES DO PAÍS

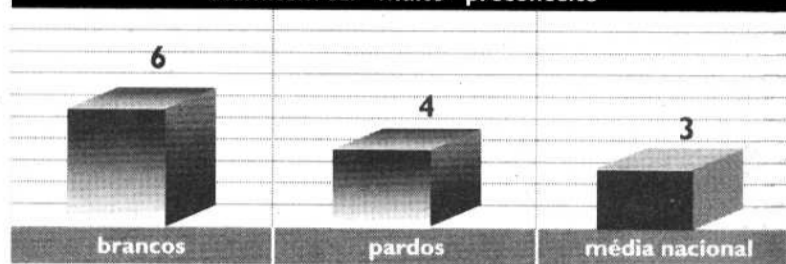
Em %, segundo cor auto-atribuída pelo critério do IBGE



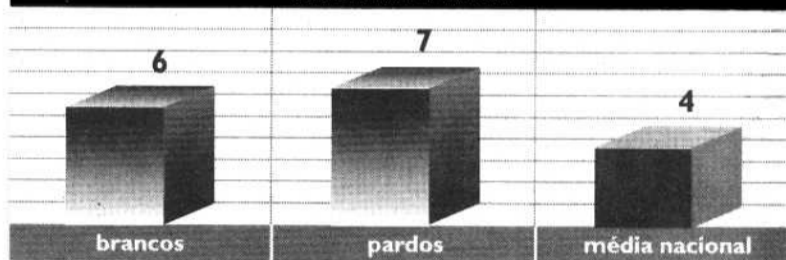
PRECONCEITO É ALTO NO NORDESTE

Em %

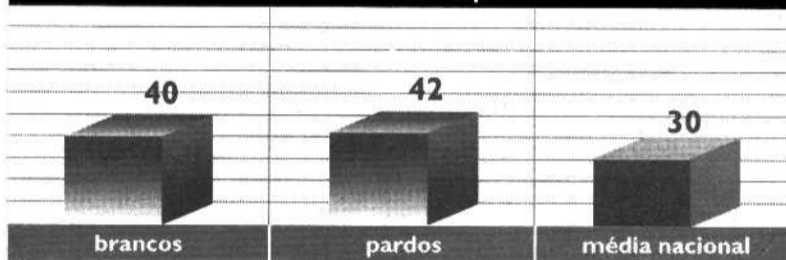
Admitem ter “muito” preconceito



Manifestam preconceito em muitas ocasiões



Acham que os negros são bons só em música e esporte



43%
dos brancos do Nordeste concordam que “negro bom é o de alma branca”

48%
dos negros do Sudeste já namoraram uma não-negra

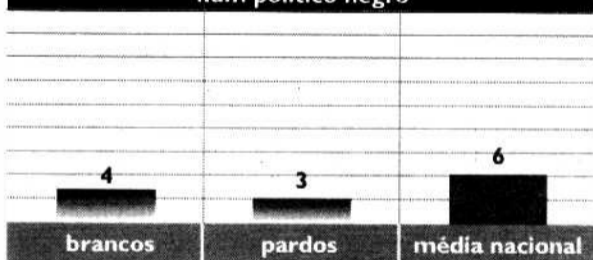
67%
dos negros do Sudeste acreditam existir preconceito antibranco

11%
dos pardos do Nordeste acham o branco mais inteligente que o negro

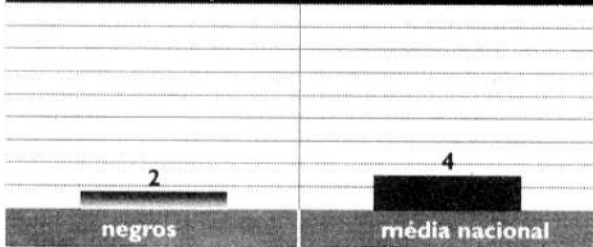
NORTE/CENTRO-OESTE É MENOS INTOLERANTE

Em %

Nunca votariam num político negro



Dizem não ter problema por causa da cor



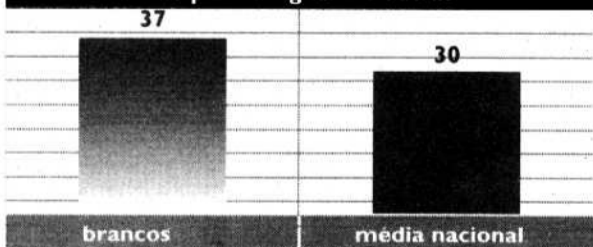
SUDESTE É MAIS CORDIAL

Em %

Dizem que não há diferença de inteligência entre brancos e negros



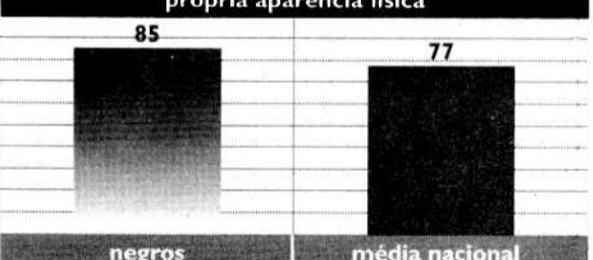
A primeira idéia que têm dos negros é que são pessoas iguais às outras



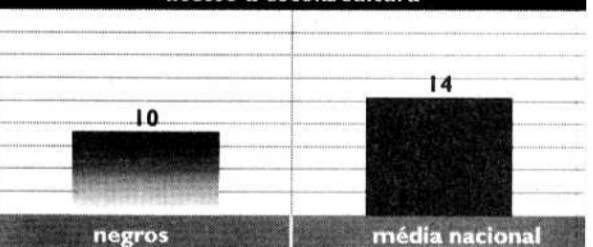
AUTO-ESTIMA DO NEGRO DO SUL É ALTA

Em %

Mais negros estão satisfeitos com a própria aparência física



Menos negros dizem ter dificuldades de acesso à escola/cultura



Fonte: Datafolha

A MILITANTE

Bei Pedrosa/Folha Imagem



A enfermeira e escritora de livros infantis Inaldete, com o filho Yorubá, 10, diz que na favela a sexualidade é ‘refúgio’

Mulher negra perde fertilidade mais cedo

Do enviado especial a Recife

Inaldete Pinheiro de Andrade, 49, é enfermeira e escreve livros infantis em que aparecem Olorum, Obatalá e outras divindades africanas.

Seu filho, Yorubá, 10, é um de seus leitores, mas não é esse o ponto de currículo em que atua prioritariamente essa militante que participou em 1979, em Pernambuco, da criação do Movimento Negro Unificado e, depois, de uma entidade cultural, o Centro Solano Trindade.

Inaldete coordena um programa de orientação sexual de um grupo de 40 adolescentes na V-9, favela no município de Olinda, na Região Metropolitana de Recife.

“A favela parece uma cidade africana, com todas as tonalida-

des de negros. A escolaridade é baixíssima e o sexo é praticado como refúgio”, diz ela.

Ao lado da maternidade a partir dos 13 anos, há como contraponto a laqueadura (esterilização) antes dos 20.

Pernambuco, diz ela, possui depois de Goiás o maior índice de mulheres esterilizadas.

Como mulher negra é também mulher pobre, a política de controle da natalidade acaba tendo uma forte vertente racial: são bem maiores as chances estatísticas de uma mulher branca permanecer fértil até a menopausa.

O grupo de Inaldete também articula ações entre mulheres das seis comunidades negras do interior pernambucano que provavelmente são remanescentes dos antigos quilombos.